TABELA: DIVISÃO ESPECIAL PAULISTA

POSTER: O SÃO PAULO DA GRANDE FINAL

PLACAR

N.º 901 7/SETEMBRO/1987 Cz$ 50,00

EDITORA ABRIL

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE: Cz$ 60,00 — 0563

Morumbi, 30/8/1987: Pita e Zé Teodoro festejam o 15.º título tricolor

A GLÓRIA DO SÃO PAULO CAMPEÃO

PLACAR

N.º 901 07 DE SETEMBRO DE 1987

CARO LEITOR

O Estádio do Morumbi foi definitivamente inaugurado em 1970, quando se tornou o palco das grandes decisões do futebol paulista. A partir dali, seu dono, o São Paulo, começou a consolidar um brilhante reinado no maior Estado do país. Domingo, com o título indiscutível levantado lá mesmo, o tricolor chegou a seu sétimo campeonato nesse período — contra quatro do Corinthians, três do Palmeiras, três do Santos (incluindo o dividido com a Portuguesa, em 1973) e um da Internacional de Limeira.

SILVIO PORTO

Ari Borges, Marcelo Laguna, Ricardo Voltolini, Cadu, Edu Garcia, Mário Sérgio Venditti, Gladstone Campos e Sérgio Berezovsky (em pé); Nelson Urt, Ubiratan Brasil, Nelson Coelho e Ricardo Ayres. Ao lado, Carlos Fenerich

Todas essas históricas proezas foram acompanhadas por PLACAR, que nasceu em 1970 e, portanto, celebrou em suas páginas praticamente a metade das quinze conquistas regionais dos são-paulinos.

Na semana passada, seis repórteres, comandados por Carlos Eduardo Alves, o Cadu, e cinco fotógrafos, coordenados por Ricardo Corrêa Ayres, estavam no Morumbi preparando o que, de certo modo, virou rotina em PLACAR: uma reportagem sobre o São Paulo campeão.

Carlos Maranhão

SUMÁRIO

4 Cartas

6 Esporte Total: Oscar e outros heróis

8 A Semana

12 De Primeira

15 Entrevista: o técnico de Careca

18 São Paulo, o glorioso campeão

29 Juca Kfouri

30 Perfil: Andrade, do Flamengo

35 A tradição dos volantes mineiros

38 O show das torcidas em São Paulo

44 Rio: uma safra de revelações

46 André Cruz: da Ponte para o Brasil

50 Acácio, um herói do Vasco

52 Onde Anda... Roberto Miranda

54 Bahia: Sandro, ídolo do bicampeão

56 Tabelão

60 Loteria Esportiva

62 Especial: a festa dos goleadores da TV

66 Humor

ANTONIO CARLOS MAFALDA

Perfil: Andrade, há uma década o maestro do Flamengo

GLADSTONE CAMPOS

Douglas e a linhagem da camisa 5 em Minas

NELSON COELHO

O público fez a festa no futebol paulista

CAPA — Foto: Nelson Coelho

CAMPEONATO PAULISTA

GLORIOSO

O São Paulo bate o Corinthians nas finais, sagra-se campeão pela 15.ª vez e mostra que é o time da década no futebol paulista

TRICOLOR

Domingo, 30 de agosto. Explodem os corações são-paulinos no Morumbi, na cidade e no Brasil inteiro. Nelsinho, Pita, Lê e Zé Teodoro festejam com eles

NELSON COELHO

NELSON COELHO

Quarta-feira: Pita ganha do corintiano Édson

CARLOS FENERICH

Lê e Müller no primeiro jogo: o artilheiro comemora

Darío Pereyra fica mudo antes de arrasar os valentes inimigos

Domingo, 30 de agosto de 1987. As estatísticas apontarão que, jogando no Morumbi, o São Paulo sagrou-se campeão pela 15.ª vez * em sua história ao empatar com o Corinthians em 0 x 0. Registrarão ainda que, nesta década, o clube reina absoluto, contando quatro conquistas contra duas corintianas, uma do Santos e outra da Internacional. E também indicarão que foi a sexta vitória tricolor em onze finais disputadas em seu estádio.

Infalíveis na precisão, as estatísticas não servem para contemplar a emoção. Assim, mostrarão sempre que 120 000 pessoas lotavam o Morumbi. Jamais, porém, irão exibir a eletricidade que percorreu cada torcedor durante os 90 minutos. Muito menos a louca alegria que incendiou os jogadores do São Paulo assim que o juiz Dulcídio Wanderley Boschilia *(leia o quadro "O*

RETRATO DA FINAL

Ruim · Regular · Bom · Ótimo · Ruim · Bom Ótimo

São Paulo

Gilmar — Fez uma grande defesa e contou com sorte

Zé Teodoro — Não deu espaço para João Paulo e foi à frente

Adilson — Jogador frio, não sentiu o peso da decisão

Darío Pereyra — Um monstro. Matou a pau. O melhor da finalíssima

Nelsinho — Eficiente na marcação e no apoio ao ataque

Bernardo — Quase fez um gol contra. Depois se acalmou

Silas — Não foi brilhante, mas teve boa movimentação

Pita — Sem grandes ousadias, preocupou o adversário

Müller — Jogou no sacrifício e mostrou valentia

Lê — Mesmo longe da área, atazanou a defesa

Edivaldo — Um buscapé. Dominou facilmente o setor

Paulo Martins — Substituiu Lê para fortalecer o meio-campo

Neto — Não teve tempo para mostrar serviço

Corinthians

Waldir Peres — Atrapalhou-se num lance mas não comprometeu

Édson — Levou a pior com Edivaldo. Apoiou o quanto pôde

Mauro — Inseguro, mas quase fez um gol histórico

Jatobá — Pareceu sentir o peso de uma decisão

Dida — Pelo esforço, foi o melhor da defesa corintiana

Biro-Biro — Irritadiço, não repetiu as atuações anteriores

Eduardo — Transitou entre o apático e o violento

Éverton — Pode não ser um craque, mas nunca amarela

Jorginho — Alguns toques e o velho tabu de ser pé-frio

Edmar — Foi engolido pelo gigante Darío. Uma nulidade

João Paulo — Esbarrou na firme marcação de Zé Teodoro

Marcos Roberto — Substituiu Eduardo e deu mostras de nervosismo

* Nem todos estão de acordo sobre o ano de fundação do atual São Paulo Futebol Clube, 1930 ou 1935. Considerando-se 1930, o tricolor tem agora quinze títulos. Se for 1935, tem quatorze.

PINTE COM Coralit

Velho Dulcídio de Sempre'') apitou o final da partida. No frio cômputo dos números, aqueles heróis ensandecidos que riam, choravam e se abraçavam eram apenas os vencedores da competição. E ser campeão não é só isso.

''Para chegar ao título, você precisa ser mais forte do que pensa'', ensinava um lúcido — e emocionado — Darío Pereyra no vestiário são-paulino. Momentos antes, o uruguaio tinha colocado em prática tal crença. Insuperável no jogo aéreo e nas antecipações, mais uma vez foi um destemido guerreiro, transformando-se no coração do time. Se não passou do meio-campo uma só vez, multiplicou-se na defesa estancando todo ataque que o inimigo ousasse insinuar por ali. ''Final é o seguinte: chegar e vencer'', esclarecia do alto de seus agora quatro títulos paulistas e dois brasileiros. ''Nesses clássicos, a técnica se equivale e ganha-se na raça.''

PRESIDENTE ALUCINADO — Já na sexta-feira, com o tornozelo direito enfiado num balde de gelo — tratando de uma lesão conhecida por poucos —, este uruguaio de 30 anos previa uma batalha final extenuante. Desse modo, tratou de passar o sábado em conversas com os companheiros tentando transmitir lições de garra, alma e aplicação, que, sabia, fazem a diferença numa hora de decisão. ''Desde menino, em Montevidéu, aprendi isso'', afirmava. No domingo, isolou-se num antigo ritual particular. ''Fico nos cantos, mudo'', contava. ''Minha cabeça vira uma usina de imagens onde me vejo disputando bolas, fazendo faltas, gritando.''

Tudo como sempre fez. Só a comemoração foi menos mecânica. Afinal, o gringo, antes da fase final do campeonato, atuara até pelo Expressinho, com os reservas. ''Eu estava sem condições e precisava de ritmo'', relembrava. Seu contrato vai até outubro, mas comenta-se que antes disso ele poderá sair do São Paulo. ''O São Paulo só não renova com esse homem se acontecer uma loucura'', esbravejava um torcedor alucinado, por acaso responsável por aquele eventual desvario, o presidente Carlos Miguel Aidar.

Como o momento era de festa, o dirigente nem queria comentar muito esse tipo de problema ou os gols ▷

O VELHO DULCÍDIO DE SEMPRE

FOTOS NELSON COELHO

Dulcídio apita: durão, respeitado

Com Bebeto: superando duas mortes

A verdade era um Monza vermelho espatifado e a mulher morta. O juiz Dulcídio Wanderley Boschilia soube disso ainda no hospital, convalescente. ''Eu tinha duas opções: encarar a realidade ou me entregar.'' Dulcídio encarou. Dezoito dias depois, entrou no Morumbi para apitar a final do Campeonato Paulista, aplaudido carinhosamente pela torcida. Ainda sentia dores. ''Mas não fiz nenhuma preparação especial pelo que aconteceu'', esclarecia, atencioso. ''Não mudei, sou o de sempre.''

De fato, parecia o Dulcídio velho conhecido — durão, respeitado e requisitado para jogos particularmente difíceis. Aquele que, antes da partida, lixava-se para a CBF — ''que nunca fez nada por mim'' —, prontificando-se a apitar a Copa União. Ou o que procurava explicar o que era ser íntegro, criticando ''quatro ou cinco companheiros que aceitam conselhos de dirigentes antes de entrar em campo''.

Com o apito — auxiliado por Daniel Fernandes e Edimauro de Tófile, que estavam com ele no acidente

Fim de partida: desmaiado de dor

—, saiu-se bem, embora os são-paulinos reclamassem de um pênalti no primeiro tempo. As marcas físicas de seu drama surgiram depois do jogo. Abraçado por um amigo, desmaiou de dor na costela fissurada. As marcas emocionais já tinham doído. Primeiro, quando olhou para o lugar onde sua mulher sempre ficava. Depois, ao abraçar o preparador físico do São Paulo, Bebeto, que perdeu um filho este ano.

NELSON COELHO

Edmar e Darío Pereyra: o gigante uruguaio comanda o São Paulo e conquista seu quarto título paulista

PINTE COM
Coralit

Com classe, Pita encanta a torcida e vibra como criança

de Silas e Edivaldo que foram anulados. Já sabia, no entanto, que poderá perder também o futebol de Nelsinho para a Inglaterra. ''Recebi convites do Arsenal e do Newcastle, time de Mirandinha'', confirmava o lateral. ''Prefiro aguardar a proposta do São Paulo, pois quero ficar.'' Ao lado de Nelsinho — seu companheiro de medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos —, Pita tinha motivos especiais para festejar. Finalmente unanimidade aos 29 anos, cerebral e virtuose como de hábito, neste Campeonato Paulista ele extrapolou, derrubando a fama de apático que o marcava. ''Foi o título mais importante da minha vida'', abria o coração. ''Sei que posso decidir na técnica, mas às vezes isso não basta.'' Saudado pela torcida, só parecia o menino que surgiu no Santos há nove anos na hora do contato com os fãs. Chamava a quem se aproximasse de ''chegado'' e não recusava um autógrafo ou um abraço.

À noite, durante uma festa organizada no elegante clube Gallery, o lateral-direito Zé Teodoro lembrava ▷

Bernardo entre os alvinegros Edmar e Biro-Biro: segurança e raça de um time vencedor

SERGIO BEREZOVSKY

O Morumbi na hora da festa: 120 000 torcedores vêem o duelo decisivo

CARLOS FENERICH

PINTE COM
Coralit

EDU GARCIA

Silas no gol anulado: esforço no dia maior do tricolor

SERGIO BEREZOVSKY

Edivaldo, um dos astros das finais: gol que não valeu

Os heróis ganham um prêmio milionário: 700 000 cruzados

que o título praticamente fora ganho na quarta-feira, quando o tricolor vencera o Corinthians por 2 x 1, gols de Edivaldo, Lê e João Paulo. ''Disputamos um verdadeiro supercampeonato'', ressaltava.

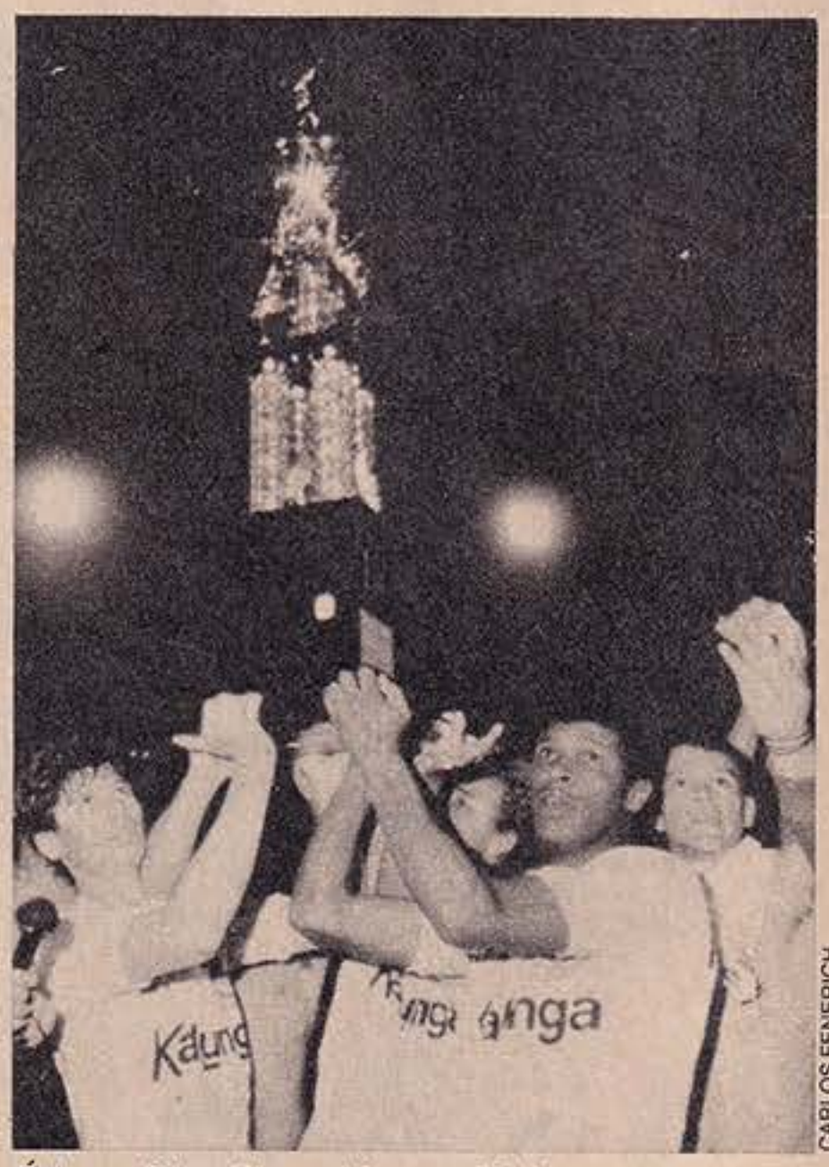
Na segunda-feira, Zé voou para Goiânia. ''Irei gastar um pouco do bicho com a família'', anunciava domingo à noite. Daria para festejar em Nova York, se quisesse. Cada titular recebeu 700 000 cruzados de prêmio, fora uma quantia ainda indeterminada, fruto de uma ''vaquinha'' de bolsos tricolores abastados.

APOIO DE CARECA — Filho de classe média alta, o centroavante Lê não estava muito preocupado com a gratificação pela conquista. Quando subiu no carro que levava a taça do campeão paulista, a torcida começou a gritar seu nome em coro. Olhos marejando, beijou o troféu e, mostrando a suada camisa à galera, cantou o hino do clube. Tão tímido fora do campo quanto ágil e esperto no gramado, Lê consagra-se co-

PALMAS PARA OS VICE-CAMPEÕES

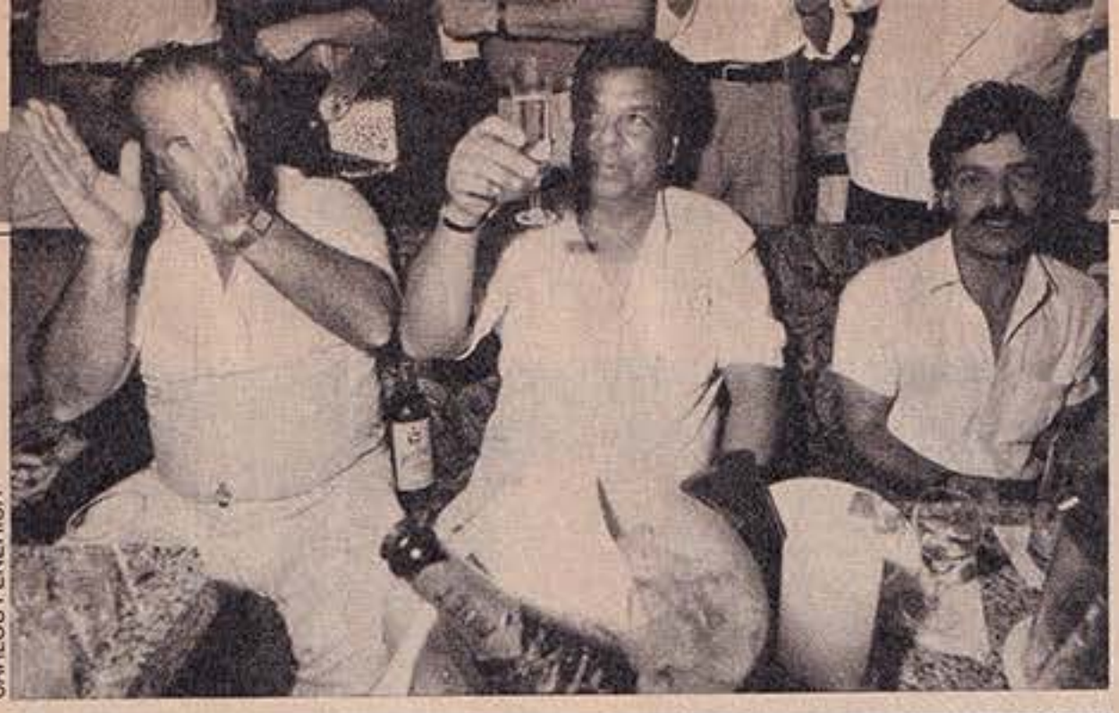
Numa final, a diferença entre o vice-campeão e o lanterna é quase nenhuma. Mas o Corinthians, que chegou a ser o último colocado do Campeonato Paulista e terminou em segundo lugar, conseguiu o inimaginável. Encerrada a partida de domingo passado, enquanto uma multidão de são-paulinos invadia o gramado do Morumbi, dezenas de bandeiras alvinegras foram sacudidas nas arquibancadas — e de lá, como nas gloriosas tardes de vitórias, gritava-se ''Corinthians, Corinthians''. Depois, quando os jogadores receberam a sempre indesejada taça de vice — um prêmio de consolação que não deixou feliz nem a Ponte Preta, nas quatro vezes que o ganhou —, os fiéis voltaram a aplaudir.

Foi uma cena rara, e tocante. No

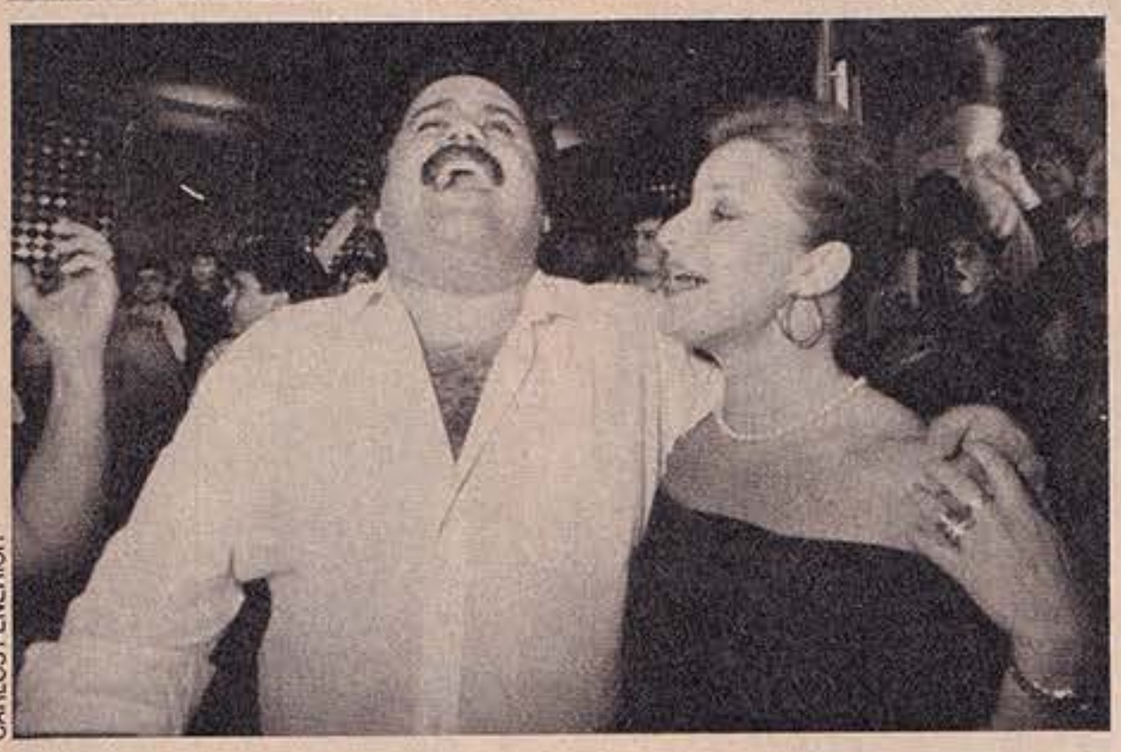


CARLOS FENERICH

Édson, Biro-Biro e Marcos Roberto...



CARLOS FENERICH



CARLOS FENERICH

CARLOS FENERICH

Cilinho e Carlos Miguel Aidar: brinde e alegria dentro e fora do campo

mo artilheiro do time com quatorze gols. Melhor, era o único do elenco que já dera a volta olímpica no ano passado, quando defendia a Internacional de Limeira.

"Apenas com uma força interior muito grande é que eu pude ser respeitado", desabafava o jovem de 22 anos. Afinal, ele desembarcara no Morumbi com a responsabilidade de herdar a camisa 9 do ídolo Careca. O ex-centroavante tricolor, aliás, comunicou-se com Lê durante a semana da decisão. "Careca ligou da Itália para me cumprimentar pelo gol da quarta-feira", propagava orgulhoso.

Menos elétrico, o técnico Cilinho tratava de elogiar sua equipe. Campeão depois de ter dirigido no mesmo certame a rebaixada Ponte Preta, o treinador repetia um discurso manjado". "É a alegria de volta", dizia aqui. "Futebol brasileiro é técnica", completava ali.

Descontada a retórica, a verdade é que o caminho tricolor até o título não foi fácil. Cilinho fazia questão de falar sobre os intermináveis desfalques que enfrentava. Sucessivas convocações para as várias seleções brasileiras que atuaram nesta temporada, a venda de Careca, a disputa da Taça Libertadores, as contusões... O técnico só escalou quem quis a partir das semifinais. E, aí, o tricolor matou a pau, provando ser mesmo a melhor equipe paulista. Talvez por isso o treinador tenha chorado ao final do clás- ▷

EDU GARCIA

...erguem a taça e são aplaudidos pelos fiéis

vestiário, ainda emocionado, o lateral Édson agradeceu o respeito e a união do grupo. "Nosso trabalho foi maravilhoso", desabafou. "Saímos do buraco para disputar uma final", dizia o volante Biro-Biro. O lateral Dida contava que, no início do returno, a equipe traçara um objetivo modesto: fugir do rebaixamento e terminar em sétimo ou oitavo lugar. "Fomos longe demais", alegrava-se.

Menos conformado, o goleiro Waldir Peres achava que o time não conseguira tudo. "Perdemos o campeonato com a derrota na primeira partida", observou. "Se tivéssemos naquela noite a mesma determinação que mostramos hoje..." Orgulhoso por ter participado de uma reação jamais vista na história do clube, o ponta-esquerda João Paulo apostava no futuro: "Seremos campeões brasileiros. Não tenho a menor dúvida". A verdade é que o Corinthians não será lembrado por ter perdido o título. Pela primeira vez, será lembrado como um heróico e aplaudido vice-campeão.

Machucado, Müller é escalado só para fazer pressão

sico contra o valente Corinthians *(leia o quadro na página 24)*. E então foi saborear champanhe Moët et Chandon e uísque escocês no Gallery.

O CHORO DE MÜLLER — Na animação da festa, Cilinho citava a abnegação de Müller como exemplo da raça tricolor. Desde a sexta-feira anterior ao segundo jogo contra o Palmeiras, ainda pelas semifinais, o atacante passara por um sofrido tratamento de seis horas diárias para superar uma tendinite aguda na virilha. Domingo, Müller entrou no sacrifício. ''Mais como fator de pressão psicológica'', como admitia Cilinho. ''À saída do campo, o herói ainda tinha forças para definir o momento. ''Foi maravilhoso'' — e chorava.

Enfim, são essas coisas que fazem as estatísticas parecerem incapazes de interpretar as razões de um time se transformar em campeão. O São Paulo não venceu unicamente nos números. No ano que já se consagrara com o título brasileiro, confirmou com talento e muita garra a hegemonia paulista. Foi, em uma palavra, glorioso. □

PINTE COM
Coralit

Lê, 22 anos: o herdeiro da camisa de Careca é o único bicampeão do elenco

GLADSTONE CAMPOS

JUCA KFOURI

Um tricolor que é exemplo para o país

Mais que conquistar seu 15.º título paulista e, assim, igualar-se ao Santos, que já teve Pelé, o São Paulo é, desde o último domingo, o clube com melhor média de campeonatos por ano de vida, ou seja, exatamente uma taça para cada 3,8 anos de existência — superando Corinthians e Palmeiras, com 4,05, e Santos, com um título a cada cinco anos.

O feito demonstra que o tricolor vem sendo o clube mais bem administrado do país, principalmente a partir de 1980, quando livrou anos-luz à frente dos demais. Verdade que entre as gestões do presidente Antônio Nunes Leme Galvão, no começo da década, e a atual, de Carlos Miguel Aidar, houve uma interrupção passadista. O São Paulo, porém, soube recuperar-se a ponto de ganhar quatro campeonatos paulistas nos últimos oito anos e dois brasileiros nos últimos dez.

E não há como pôr em dúvida a vitória mais recente. Foi o tricolor o time mais prejudicado da temporada com as convocações para as diversas seleções brasileiras — prejuízo, aliás, fortemente responsável pela prematura eliminação da Taça Libertadores da América.

Só que o São Paulo reagiu. Depois de considerar o Paulistão um objetivo secundário, o grupo encontrou forças para dar a volta por cima, vivendo, pelo menos, dois momentos inesquecíveis nas vitórias diante de Palmeiras e Corinthians nas finais.

Há trinta anos, por sinal, exatamente desde 1957, o São Paulo não batia o Corinthians numa decisão. A razão para isso, nas duas outras ocasiões em que disputaram o título, em 1982 e 1983, pode ser explicada pela presença de Sócrates, que desequilibrava a favor do adversário. Desta vez, além da experiência de Gilmar, da bravura competente de Zé Teodoro, da regularidade de Nelsinho, da combatividade de Bernardo, do brilho de Silas, Müller, Lê e do surpreendente Edivaldo, o

São Paulo campeão! Se não está ficando monótono — ganhar não enjoa —, já pode ser copiado

São Paulo teve em Darío Pereyra aquele mesmo fator de desequilíbrio. Jogou demais o gringo, honrando uma tradição de garra deixada por dois de seus patrícios uruguaios, Forlan e Pedro Rocha — e, mais longinquamente, do argentino Sastre, o Maestro, que brilhou entre 1943 e 1946, sendo campeão três vezes.

Darío, de fato, excedeu e simboliza como ninguém a nova façanha são-paulina.

É claro que não se pode esquecer do ainda novato zagueiro Adílson, que substituiu o capitão Oscar com dignidade. E do supercraque Pita, que soube encarnar na perfeição o papel de herdeiro do fabuloso Careca.

Aí, enfim, a única crítica possível à direção do São Paulo, embora a maior responsável pela venda do gênio seja a estrutura do nosso futebol, uma desorganização geral que, diga-se, tem o Morumbi como trincheira maior de combate.

Resta a óbvia menção ao Corinthians. Na derradeira cartada não houve como guerrear ao estilo das batalhas anteriores — e foram tantas! —, tão ao gosto de sua comovente torcida. Mas o aplauso final concedido a um vice-campeonato fala mais alto que qualquer consideração.

Na verdade, o domingo dia 30 de agosto registrará para sempre alguns fatos marcantes e repletos de simbolismo: ganhou o futebol mais bem dirigido, bonito e talentoso; o vice foi ovacionado por sua gente; o árbitro, exemplar Dulcídio Wanderley Boschilia, foi aplaudido ao entrar em campo; e cerca de 120 000 pessoas compareceram ao estádio mesmo sabendo que haveria televisionamento direto para São Paulo. Motivos mais que suficientes para se acreditar no futebol brasileiro, desde que dirigido com a paixão de um Vicente Matheus ou com a eficiência de um Carlos Miguel Aidar.

SÃO PAULO F.C.

Em pé: Bernardo, Adílson, Gilmar, Darío Pereyra, Nelsinho e Zé Teodoro; agachados: Müller, Silas, Lê, Pita e Edivaldo

CAMPEÃO PAULISTA 1987

SERGIO BEREZOVSKY

EDU GARCIA

CORINTHIANS
A união e a esperança de uma massa sempre fiel

TORCIDAS

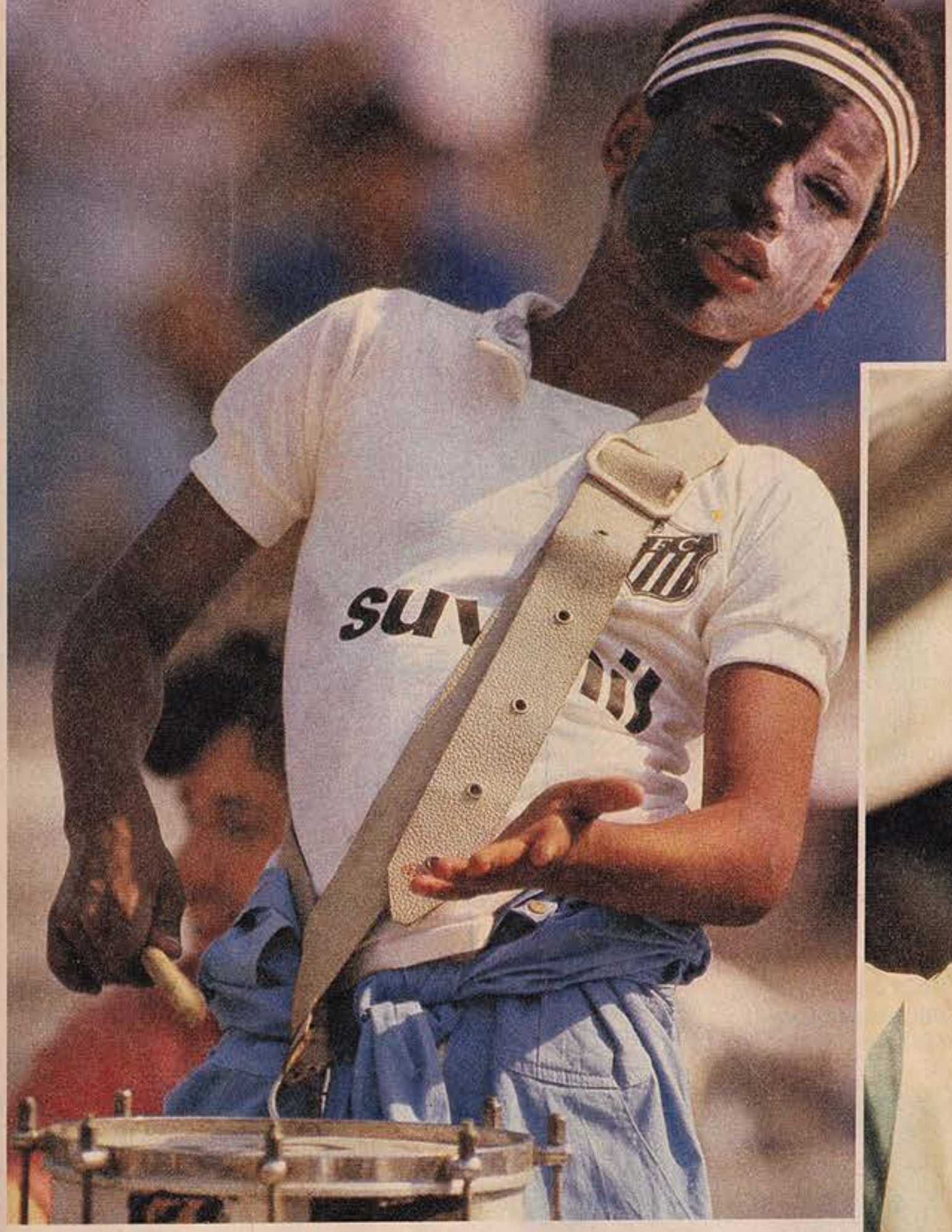
SHOW E CORES DA PAIXÃO PAULISTA

A maior platéia do Estado nos últimos sete anos resgata na festa do Morumbi o amor e a emoção do futebol

Nos seis dias em que serviu de palco para as partidas que decidiram o título paulista, o Morumbi trepidou com a força de torcedores são-paulinos, corintianos, santistas e palmeirenses. Rostos coloridos, alegres ou ansiosos, eles superaram todas as trapalhadas dos cartolas e deram o tom à seita mais popular do Brasil. Uma celebração completa — o campeonato deste ano, se ainda esteve bem longe de atrair as multidões que uma competição nacional bem organizada poderia ter, pelo menos registrou a melhor média de público desde 1981 *(veja o quadro na página 43)*.

"A violência nos estádios diminuiu bastante", acredita Maurício André Sanches, vice-presidente da

SÃO PAULO
A confiança tricolor dá o tom na arquibancada



SANTOS
Juventude e força no batuque para empurrar o alvinegro da Vila

PALMEIRAS
A fé pintada de verde em busca do fim da entressafra

FOTOS NELSON COELHO

facção palmeirense Espírito de Porco. ''A prova disso é que agora mais mulheres comparecem aos jogos.'' De fato, gatinhas e vovós marcaram presença nas finais paulistas. Maristela Pegoraro, por exemplo, acompanhou sua paixão verde até o final. Gaúcha radicada há dois anos em São Paulo, antes das partidas ela cumpria um ritual com a ajuda de seu amigo Celso Garnus: pintar a face loira com as cores do Palmeiras.

Colorir o rosto, aliás, foi uma das novidades que os torcedores ▷

"Esse time é a perna que me falta", diz o corintiano

paulistas apresentaram no campeonato encerrado domingo. Modismo inspirado nos *tifosi* italianos, a mania conviveu nas arquibancadas com a *ola* mexicana e as meninas que, ao esfuziante estilo norte-americano, incentivavam no campo as galeras rivais.

O Morumbi não abrigou só gente adulta nesses dias de empolgação. As pequenas Tarcila, de 10 anos, Taís, de 9, e Tânia, 7, vestiram-se do amor tricolor. "Elas estão habituadas a curtir a festa no meio do povão", orgulhava-se o pai, Márcio Bredasqui. "Para nossa família, o São Paulo está acima de tudo."

Na finalíssima, os Bredasqui cruzaram com o entusiasmo comovente do corintiano João Carlos de Oliveira, um auxiliar de escritório de 21 anos. Amparado numa muleta, este xará de João do Pulo enfrentara uma longa jornada desde São Bernardo do Campo, onde mora, para chegar ao oásis das decisões. "É paixão demais", reconhece. "O Timão é a perna que me falta."

EDU GARCIA

As pequenas Tarcila, Tânia e Taís: orgulho do pai são-paulino fanático

AMERICANA DESLUMBRADA — Uma outra mudança importante no comportamento do torcedor paulista foi a maior conscientização sobre seus direitos. Contrariando os que enxergam no fã do futebol falta de interesse pelo mundo a seu redor, este ano o público deu uma lição inesquecível. Antes mesmo de a Sunab ir à Justiça para impedir o aumento do preço dos ingressos para os seis jogos finais, os Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do Estado, já acionara um advogado para defender o congelamento das entradas. "Não precisamos ir às últimas conseqüências", recorda-se Osires Carlos Furtado, diretor da agremiação. "Se fosse necessário, brigaríamos até o fim."

EDU GARCIA

A galera de olho no gramado: esperando a hora de saudar seus grandes heróis ▷

Derrotando o tempo: décadas de sofrimento e felicidade seguindo os passos do amado Corinthians

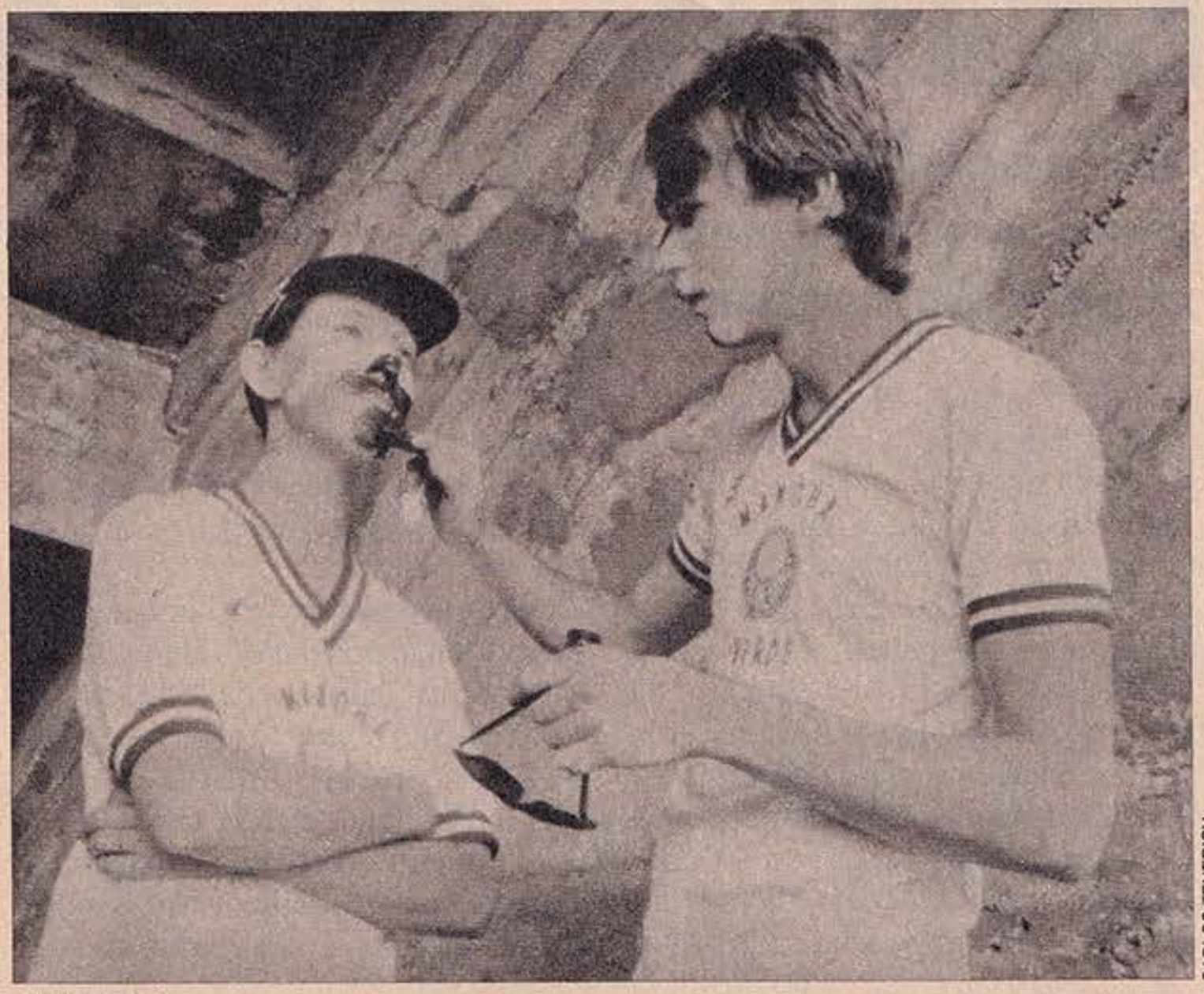
EDU GARCIA

EDU GARCIA

Os Gaviões da Fiel: trincheira para lutar pelo congelamento do preço do ingresso

Orlando, 71 anos: contando as histórias do imbatível Santos de Pelé

EDU GARCIA



CARLOS FENERICH

Maristela e Celso: o ritual da pintura, uma das novidades da temporada

EDU GARCIA

O ânimo dos torcedores do Timão: espetáculo de bandeiras e empolgação

O ex-craque Roberto Dias é um rosto a mais na multidão apressada

Rosa Caetano, 29 anos, sete dos quais dedicados ao Corinthians, concorda que novos ventos estão aí. ''Hoje tudo mudou'', analisa. ''Às vezes venho sozinha ao estádio e existe respeito.'' Realmente, houve alterações. Há pouco tempo seria inimaginável que os Gaviões da Fiel, por exemplo, soltassem uma pomba branca no meio do gramado, num brado contra a violência. Pois ele fizeram exatamente isso no clássico contra a Portuguesa, no segundo turno do campeonato. ''Promoções como essa é que estão trazendo as mulheres de volta ao futebol'', argumenta Osires.

Nem só as mulheres. Como numa resposta aos que profetizavam o declínio dessa festa brasileira, as ruas próximas ao Morumbi serviram de estacionamento,. nesses dias de explosiva alegria, a carros com chapas de cidades distantes da capital paulista. Em bandos, caravanas do interior gritavam os nomes de ídolos e times. ''É muita alegria'', testemunhava a norte-americana Irene Austin, em férias no Brasil.

VOVÔ CONFORMADO — Se conhecesse o septuagenário Orlando Nunes, líder da torcida santista de Osasco, na Grande São Paulo, Irene recorreria ao lugar-comum e diria que, no Brasil, torcer ainda é uma profissão de fé. ''Vou atrás do Peixe em qualquer lugar do país'', deliciava-se o vovô, gritando o nome dos heróis da Vila Belmiro com uma energia fantástica para quem já viveu 71 anos.

Orlando não viu seu alvinegro repetir as atuações do esquadrão de Pelé, que sempre relembra aos jovens santistas de Osasco. Mas deixou o estádio, depois da desclassificação de sua equipe, perguntando sobre o próximo jogo. ''Esse time tem o direito de perder'', conformava-se. ''Não posso cobrar nada de quem já me fez tão feliz.''

Boas lembranças também povoaram a cabeça de um outro freqüentador do Morumbi nas últimas semanas. ''Ainda aposto no São Paulo'', confiava Roberto Dias Blanco, rosto anônimo na multidão tricolor. Exídolo de toda uma geração de torcedores que apertavam o passo em direção às arquibancadas, ele prometia um drible na emoção. ''O coração ainda suporta a loucura do futebol'', garantia. Afastado da bola por causa de pro-

NELSON COELHO

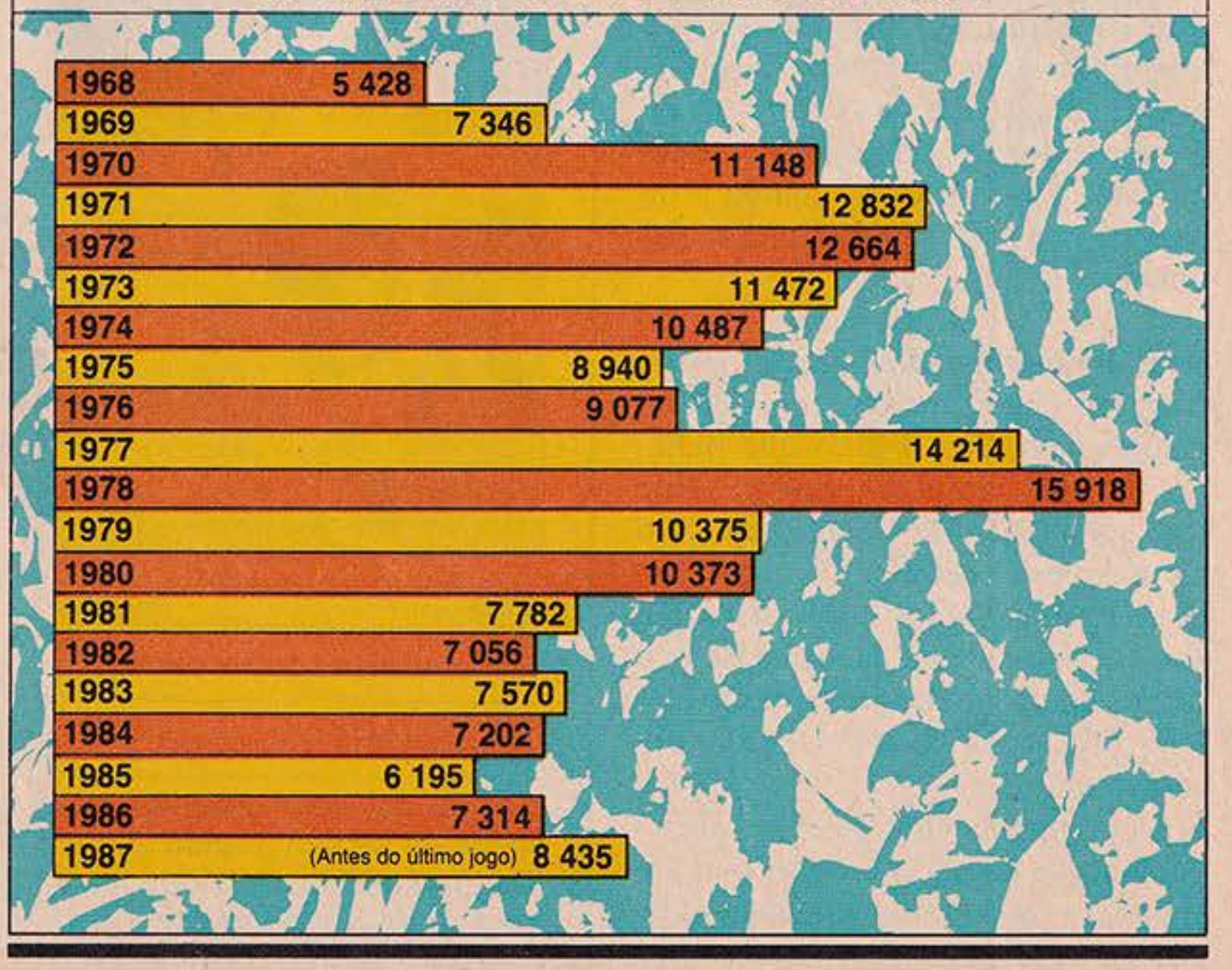
Distribuindo pó-de-arroz: uma tradição que se mantém entre os tricolores

blemas cardíacos, o antigo zagueiro fez questão de transformar a devoção pelas três cores em um ato familiar: sempre leva ao estádio a filha Roberta e o futuro genro Eduardo.

Na correria, Roberto Dias ainda pôde ver a chegada de uma torcida organizada do São Paulo — clube pelo qual se sagrou campeão paulista de 1970. Sacos de papéis picados, enormes bandeiras e 1 tonelada de talco são retirados de ônibus e caminhões. Jovens agitados, crianças, idosos e fanáticos solitários preparam-se para mais outro show colorido. Futebol no campo e alegria bem brasileira nas arquibancadas.

Nelson Urt, Ricardo Voltolini
e **Mário Sérgio Venditti**

A MÉDIA DE PÚBLICO CRESCE



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

2023

ONDE A MOEDA CAI DE PÉ